

A Linguagem em Nietzsche: as Palavras e os Pensamentos

Paula Braga*

Resumo: Este artigo apresenta algumas idéias de Nietzsche sobre a linguagem e enfatiza o uso que o filósofo faz da metáfora para desestabilizar conceitos. A linguagem metafórica revela a natureza do conhecimento como mais próxima da interpretação do que da explicação. A linguagem é tratada por Nietzsche não mais como ferramenta para um projeto de alcance da verdade, mas como evidência da impossibilidade de tal tarefa.

Palavras-chave: linguagem – metáfora – interpretação – consciência

No projeto de transvaloração dos valores, Nietzsche ataca a pretensão da linguagem de ser veículo para cristalização da verdade. O filósofo questiona a origem dessa necessidade de verdade, e demonstra quão inapta é a ferramenta linguagem para a tarefa de expressar pensamentos. Concomitantemente, desenvolve tal projeto através de escritos sedutores que envolvem o leitor em imagens metafóricas. Se a linguagem é uma tecnologia inadequada para apreensão de pensamentos, o que estamos lendo ao mergulharmos nos textos de Nietzsche? A valorização da metáfora em seus textos pode fornecer uma resposta a essa questão. Transportando palavras de uma esfera de significação a outra totalmente distinta, o uso da metáfora pode

* Mestre em História da Arte pela University of Illinois at Urbana-Champaign.

bem ser uma estratégia do filósofo para contornar as limitações da escrita. Metáfora como metáfora da transvaloração, o projeto de mudar de lugar conceitos e reconstruir (e destruir) nossos edifícios de idéias. Seguindo esta suposição, estaríamos lendo nas metáforas do filósofo não apenas exercícios artísticos, mas seu esforço de, através da forma, demonstrar a impossibilidade de se tocar pensamentos mais raros e, por outro lado, indicar a possibilidade de reformulação de nossa matriz de pensamentos através da capacidade humana de redefinição de conceitos.

Em “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, Nietzsche pergunta: “O que é uma palavra? A figuração de um estímulo nervoso em sons. (...) Um estímulo nervoso primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em som! Segunda metáfora. (...) Acreditamos saber algo das coisas mesmas, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, e no entanto não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem (...)” (WL/VM § 1).

Conclui Nietzsche que o material de trabalho do filósofo, a linguagem, não poderia provir da essência das coisas. É, sim, mera invenção, e portanto a verdade, suposto resultado da investigação filosófica, não pode ser nada além de “um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível (...)” (WL/VM § 1).

A palavra é, assim, gerada a partir de uma série de transportes, processo que se inicia no estímulo nervoso (a entidade de origem), e portanto no nível fisiológico, até diluir-se no âmbito das relações humanas, quando então já não guardam relação com o corpo, o sen-

sível. Tal transporte e mudança de estágios são o cerne do processo, nato no ser humano, de formação de metáforas. Mas serão todas as metáforas gastas e sem força sensível, meras pedras do grande edifício dos conceitos? O mesmo texto parece indicar que não, e, com efeito, aponta para a possibilidade da metáfora-andaime¹ criadora, que, ao invés de virar conceito, revira os conceitos: “Esse impulso à formação de metáforas (...) procura um novo território para sua atuação e um outro leito de rio, e o encontra no *mito* e em geral na *arte*. (...) Aquele descomunal arcabouço e travejamento de conceitos, ao qual o homem indigente se agarra, salvando-se assim ao longo da vida, é para o intelecto que se tornou livre somente um andaime e um juguete em seus mais audazes artificios: e quando ele o desmantela, entrecruza, recompõe ironicamente, emparelhando o mais alheio e separando o mais próximo, ele revela que não precisa daquela tábua de salvação da indigência e que agora não é guiado por conceitos mas por intuições. Dessas intuições nenhum caminho regular leva à terra dos esquemas fantasmagóricos, das abstrações: para elas não foi feita a palavra, o homem emudece quando as vê, ou fala puramente em metáforas proibidas e em arranjos inéditos de conceitos, para pelo menos através da demolição e escarnecimento dos antigos limites conceituais corresponder criadoramente à impressão de poderosa intuição presente” (WL/VM § 2).

O artista, criador de metáforas-construtoras (em oposição a metáforas liquefeitas em conceitos), não visa a autoconservação, mas, ao contrário, busca o florescimento de sua força criadora: “uma criatura viva quer antes de tudo dar vazão a sua força – a própria vida é vontade de potência –: a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais freqüentes conseqüências disto.” (JGB/BM § 13) O texto ainda esclarece que, se a palavra não pode aproximar-se dos pensamentos mais raros (intuições) pode, *ao menos*, embaralhar o sólido mundo dos conceitos. Ao empregar a metáfora, portanto, Nietzsche está dispondo da linguagem no que ela tem de mais no-

bre e melhor a oferecer: a capacidade de *ao menos* apontar para novas alternativas, dar vazão à força criadora, fornecendo-nos andaimos para construções mais abstratas e valorização das intuições.

A “intuição” citada no texto de 1873 já indica a importância que fenômenos fisiológicos e o corpo terão nos futuros escritos de Nietzsche e no projeto de transvaloração dos valores. Em *A Gaia Ciência*, de 1881, Nietzsche investiga a relação corpo-pensamento através do questionamento do conceito de consciência, e daí parte para o ataque à subjetividade, à superstição do “eu”. Novamente a arte é vista como o oposto da função autoconservadora, que exige a linguagem das metáforas enfraquecidas em conceitos para a autopreservação: “(...) onde a necessidade, a indigência coagiram longamente os homens a se comunicarem, a se entenderem mutuamente com rapidez e finura, acaba por haver um excedente desta força e arte da comunicação, como que uma fortuna que pouco a pouco se acumulou e agora espera por um herdeiro que a gaste perdulariamente (– os assim chamados artistas são esses herdeiros, do mesmo modo que os oradores, pregadores, escritores: todos os homens que sempre vêm no final de uma longa série, sempre ‘nascidos tarde’, no melhor sentido da palavra e, como foi dito, por essência perdulários).” (FW/GC § 354)

Da necessidade de autopreservação e de comunicação eficiente nasceu a linguagem banalizada. Para suprir suas necessidades, o homem teve de se comunicar com outros homens e, antes disso, identificar suas necessidades, criar respostas ao “eu quero”, e assim gerou-se o pensamento consciente. A “consciência” longe de ser um “órgão” ou parte de nosso sistema fisiológico, não passa de uma necessidade e invenção social. Nossas intuições e impulsos ocorrem em níveis muito mais profundos do que a superficial consciência, que transmite ao exterior apenas a parte mais vulgar do pensar, que é posta em palavras: “(...) o homem como toda criatura viva pensa continuamente, mas não sabe disso; o pensamento que

se torna consciente é apenas a mínima parte dele, e nós dizemos: a parte mais superficial, a parte pior: – pois somente esse pensamento consciente ocorre em palavras, isto é em signos de comunicação (...) a consciência não faz parte propriamente da existência individual do homem, mas antes daquilo que nele é da natureza de comunidade e de rebanho” (FW/GC § 354).

Disso se segue que o que tomamos pelo “eu” ou por nossa “consciência” é uma construção social banalizadora, pois é feito de palavras, que, conforme enfatizado em *Para além de bem e mal* (JGB/BM § 268) homogenizam experiências, com o intuito utilitário de facilitar a comunicação. A própria tentativa de se falar de um sujeito destrói este sujeito e suas experiências mais individuais: “Não nos estimamos mais o bastante, quando nos comunicamos. Nossas vivências mais próprias não são nada tagarelas. Não poderiam comunicar-se, se quisessem. É que lhes falta a palavra. Quando temos palavras para algo, também já o ultrapassamos” (GD/CI, Incursoes de um extemporâneo, § 26).

Nada é mais distante dos pensamentos individuais do que este “eu” feito de palavras-conceitos: “(...) conseqüentemente cada um de nós, com a melhor vontade de entender a si mesmo tão individualmente quanto possível, de “conhecer a si mesmo”, sempre trará a consciência, precisamente, apenas o não-individual em si. Nossas ações são, no fundo, todas elas, pessoais de uma maneira incomparável, únicas, ilimitadamente individuais, sem dúvida nenhuma; mas tão logo as traduzimos na consciência, elas não parecem mais sê-lo... Isto é propriamente o fenomenalismo e perspectivismo como eu o entendo: a natureza da consciência animal acarreta que o mundo, de que podemos tomar consciência, é apenas um mundo de superfícies e de signos, um mundo generalizado, vulgarizado – que tudo que se torna consciente justamente com isso se torna raso, ralo, relativamente estúpido, geral, signo, marca de rebanho (...)” (FW/GC § 354)

A consciência, assim, adquire, nos textos do filósofo, contornos de membrana entre uma profundidade indizível e individual, e o mundo dos signos. Ela não é, no entanto, parte de nosso sistema fisiológico e sim construção social: “(...) não temos nenhum órgão para conhecer, para a “verdade”; “sabemos” (ou acreditamos ou imaginamos) precisamente o tanto que, no interesse do rebanho humano, da espécie, pode ser útil (...)” (FW/GC § 354)

Conforme sumarizado por Pierre Klossowski, nossa consciência seria apenas “a capacidade de troca com a exterioridade do código dos signos cotidianos, e essa capacidade consiste apenas em receber o mais possível para dar o menos possível”. O inconsciente, por outro lado seria “esse *nada*, ou esse *fundo*, ou esse *Caos*, ou qualquer coisa inominável, que Nietzsche não ousava pronunciar” (Klossowski 2, p. 60). Caverna, labirinto, mina de ouro, abismo, este inconsciente ou *Caos* individual aparece nos textos de Nietzsche em palavras que expressam o inatingível e o perigoso. O filósofo, porém, não deixa o inconsciente tomar forma de uma entidade abstrata que correria o risco de ser confundida com o conceito vulgar de alma e espírito: o *Caos* individual está para Nietzsche totalmente preso ao mundo físico por estar atrelado ao corpo. O inconsciente é a batalha entre os impulsos de diversos seres microscópicos que compõem o corpo, “estrutura social de muitas almas” (JGB/BM § 19). Esta luta entre impulsos de diversas almas “garante a permanência da mudança: nada é senão vir-a-ser. (...) é com processos de dominação que a vida se confunde; diríamos mais: é com vontade de potência que ela se identifica” (Marton 3, p. 138).

Embora a linguagem tenha instituído o hábito gramatical do sujeito, que Nietzsche chama de “a superstição do sujeito e do ‘Eu’” (JGB/BM Prefácio), a ferramenta de trabalho do filósofo provê na metáfora construtora de interpretações inesgotáveis um antídoto para a fixação de conceitos. A manipulação proposital da linguagem metafórica ao menos desestabiliza conceitos e revela a natureza do

conhecimento como mais próxima da interpretação do que da explicação.

Tal abordagem da linguagem é crucial no projeto de Nietzsche de questionamento da vontade de verdade. Em *Para além de bem e mal* ele se pergunta: “*Quem*, realmente, nos coloca questões? *O que*, em nós, aspira realmente ‘à verdade’”? (JGB/BM § 1). E progride para a questão que inverte a relação Édipo-Esfinge: se a vontade de verdade diz decifra-me, Nietzsche responde: para que quereria eu decifrar-te? Por que não buscar, no lugar da verdade, seu oposto, a inverdade, a incerteza, a insciência? E pergunta “Qual o *valor* dessa vontade de verdade?” Assim, a linguagem, ferramenta usual da busca pela verdade, passa a ser o caminho para a crítica da verdade e do conhecimento e material de trabalho do psicólogo que investigará a procedência dos valores morais, dentre os quais está a verdade. Aqui, o próprio termo “psicólogo” usado por Nietzsche desterritorializa o sentido usual da palavra. Se Nietzsche não admite o sujeito, certamente sua psicologia não focará no “Eu”, mas na formação da superstição desse “Eu”.

Numa das raras passagens em que define explicitamente um dos termos que utiliza em seus escritos, Nietzsche informa que por moral entende “a teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno ‘vida’” (JGB/BM § 19). Vida é esta constante luta entre impulsos que buscam dominar, e o impulso gramatical é apenas um deles: “onde há parentesco linguístico é inevitável que, graças à comum filosofia da gramática – quero dizer graças ao domínio e direção inconsciente das mesmas funções gramaticais –, tudo esteja predisposto para uma evolução e uma seqüência similares dos sistemas filosóficos: do mesmo modo que o caminho parece interdito a certas possibilidades outras de interpretação do mundo” (JGB/BM § 20).

O termo “filosofia da gramática” remete a outra sessão do mesmo texto: “todo impulso ambiciona dominar, e *portanto* procura filoso-

far.” (JGB/BM § 6) Hábitos gramaticais são, assim, impulsos dominadores que, gregários, determinam a formação de filosofias similares, que não escapam a certas limitações da ferramenta linguagem. A filosofia, assim, está longe de revelar o pensamento mais profundo do filósofo; revela apenas seu pensamento consciente, e algo de seus valores morais, de seus impulsos dominantes: “(...) a maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas, até mesmo o pensamento filosófico (...) em sua maior parte o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimentos existem valorações, ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida” (JGB/BM § 3).

Essa espécie de vida onde o homem é a medida de todas as coisas é a vida que se agarra a conceitos fixos em benefício da autoconservação, e não a vida criadora de interpretações que quer dar vazão a sua força criadora. A inverdade, a ilusão da linguagem, tomada como fixadora de conceitos, é condição para essa espécie de vida onde predomina o impulso da autoconservação.

Esse impulso que toma a palavra em prol da autopreservação através dos escritos de um filósofo transforma toda filosofia em “confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas” (JGB/BM § 6). A obra de cada filósofo é o espelho de *quem* ele é, e aqui esta imagem espelhada, este *quem*, não é um sujeito, mas a revelação de certos impulsos dominadores. Cada filosofia é uma obra autobiográfica, memórias do filósofo, que revelam a moral à qual ele quer chegar, uma tese que existe de antemão, impulsiva, e não alcançada pela reflexão. E frequentemente é esta uma tese que torna a vida mais amena, como, por exemplo, a tese da alma imortal ou do “eu”.

Então, se os escritos de um filósofo são uma história de seus impulsos dominadores, como atingir o pensamento genuíno? Qual

o intuito de Nietzsche ao rever sua obra no autobiográfico *Ecce Homo*? Zarathustra, quando conversa com sua alma, com seus pensamentos mais recônditos, o faz em palavras?

Pierre Klossowski discute a dificuldade de conhecermos o pensamento inconsciente quando afirma que “somos *capturados, abandonados, retomados e surpreendidos*: ora pelo sistema de designação pulsional, ora pelo sistema dos signos cotidianos (...) Por dentro, ninguém sabe, nem poderíamos saber o que é que se designa em nós: pois, mesmo quando estamos sozinhos – silenciosos – falando a nós mesmos, no nosso interior, é sempre nosso *exterior* que nos fala – graças a esses signos do exterior que nos ocupam e cujo rumor cobre totalmente nossa vida pulsional: até mesmo a intimidade, até mesmo a pretensa vida interior, tudo isso ainda é o resíduo dos signos instituídos no exterior(...)” (Klossowski 4, p. 59).

Assim, para Klossowski, nossas conversas silenciosas, que falam apenas a nós mesmos, ainda não escapam do âmbito da consciência. Mas essa máscara, membrana, filtro de signos tão impróprio para acesso ao mais autêntico é ao menos um *meio* de se aproximar do fundo, e o grande erro da humanidade foi tê-la tomado como fim: “Se quiséssemos estabelecer um objetivo bem distante para a vida, este não deveria coincidir com nenhuma categoria consciente: deveria, sim, explicar cada uma delas como *meio de chegar a ele mesmo...*”(XII, 10[137])².

A linguagem, portanto, categoria do âmbito consciente de nossas vidas, deveria ser considerada um *meio*, um *transporte*, *metáfora* da vida autêntica. “Nos escritos de um eremita se ouve também um quê do eco do deserto, um quê do sussurro e do tímido olhar em torno que é próprio da solidão; (...) Um eremita não crê que um filósofo – supondo que todo filósofo tenha sido antes um eremita – alguma vez tenha expresso num livro suas opiniões genuínas e últimas: não se escrevem livros para esconder precisamente o que se traz dentro de si? – ele duvida inclusive que um filósofo *possa* ter

opiniões “verdadeiras e últimas”, e que nele não haja, não tenha de haver, uma caverna ainda mais profunda por trás de cada caverna (...) (JGB/BM § 289).

Há portanto, um tipo de filosofia, de uso da linguagem, de manipulação e interpretação de signos, que se reconhece como interpretação, que não pretende atingir o “verdadeiro e último”, mas que gera um eco vindo de cavernas mais profundas e não adentradas. É uma linguagem de êxtase e inspiração, que Nietzsche chama de linguagem do ditirambo, dionisiaca, em *Ecce Homo*: “Alguém, no final do século XIX, tem nítida noção daquilo que os poetas de épocas fortes chamavam *inspiração*? (...) Havendo o menor resquício de superstição dentro de si, dificilmente se saberia afastar a idéia de ser mera encarnação, mero porta-voz, mero *medium* de forças poderosíssimas (...) Ouve-se, não se procura; toma-se, não se pergunta quem dá; um pensamento reluz como relâmpago, com necessidade, sem hesitação na forma (...) Parece realmente, para lembrar uma palavra de Zarathustra, como se as coisas mesmas se acercassem e se oferecessem como símbolos (– ‘aqui todas as coisas vêm afagantes ao encontro da tua palavra, e te lisonjeiam: pois querem cavalgar no teu dorso. Em cada símbolo cavalgas aqui até a verdade. Aqui se abrem para ti as palavras e arcas de palavras de todo ser; todo ser quer vir a ser palavra, todo vir-a-ser quer contigo aprender a falar’ –) (EH/EH, Assim Falou Zarathustra, § 3).

Em *Ecce Homo*, Nietzsche ironiza a própria linguagem. Não é possível se autobiografar com palavras, não é possível um livro que fale de nada além de um sujeito fictício, construído por escritos passados, um “Eu” que se superou: “Meus escritos falam somente de minhas superações: “eu” estou neles com tudo que me foi hostil (...)” (VM/OS Prefácio §1)

Esta superação do “eu” vem em palavras que, em sua inadequação para atingir pensamentos, revelam a inadequação de conceitos como verdade e conhecimento, que até então haviam sido

alicerces de filosofias, entre as quais o Cristianismo, que construíram as bases morais da humanidade.

Revelar os aspectos ficcionais e ilusórios dessas certezas, dinamitar seus alicerces milenares, é um projeto que passa pela revisão da linguagem como ferramenta de conhecimento e gera, como subprodutos, o desaparecimento do sujeito, a valorização das instabilidades, da eterna interpretação do mundo. E se tal projeto deve ser conduzido através da linguagem, que empregue, então, a faceta da linguagem que mais se aproxima da eterna construção e re-interpretção: a linguagem metafórica.

Abstract: This paper presents some of Nietzsche's ideas on language and emphasizes his use of the metaphor to destabilize concepts. The metaphorical language reveals that the nature of knowledge is closer to interpretation than to explanation. Language is seen by Nietzsche no longer as a tool well-aimed to the achievement of truth but rather as the evidence of the very impossibility of such task.

Keywords: language – metaphor – interpretation – knowledge – consciousness

Notas

¹ Em palestra proferida no IV Simpósio Internacional “Assim Falou Nietzsche” (dezembro/2001), Maria Cristina Franco Ferraz (UFF) lê o texto em questão perseguindo os aspectos arquitetônicos de suas metáforas. A idéia da função de andaime de certas metáforas, que exploro e desenvolvo neste texto, deve muito àquela palestra.

² *Apud*: Klossowski 2.

Referências Bibliográficas

1. FERRAZ, Maria Cristina Franco. “Da valorização da Metáfora em Nietzsche”. Palestra proferida no IV Simpósio Internacional “Assim Falou Nietzsche”. Rio de Janeiro, Dezembro/2001.
2. KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o Círculo Vicioso*. Rio de Janeiro, Pazulin, 2000.
3. MARTON, Scarlett. “Nietzsche: Consciência e inconsciente” in: *Extravagâncias: Ensaio sobre a Filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.
4. NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. Col. “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 3ª. Edição, 1983.
5. _____. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª. Edição, 1992.
6. _____. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª. Edição, 1995.